

Texto de apresentação

Apresentação do Número Especial Fire!!! Zora Neale Hurston Textos Escolhidos e Traduzidos

Sandra Fernandes Erickson
Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba
Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
DLEM/Projeto RECânone - UFRN

Ana Gretel Echazú Böschemeier
Doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília
Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
DAN/Projeto RECânone-UFRN

*“Quando percebi que sou poetisa fiquei triste
porque o excesso de imaginação era demasiado”*

Carolina Maria de Jesus, *Meu estranho diário*. Org. José Carlos Sebe Bom Meihy e
Robert Levine. 1996. pp 84

*“Papia na kriol ora kun sta lundju, pami i signifika sta mas pertu d kil ki dimi, pabia n'ta papial
ku bida i alma. I ta difícil djucia na portuguis. Ma na kriol tudu ta torna mas fácil...buta
konsigui papia tudu ké ku buna sinti sin faci sforçu garandi, kaba bu kombersa ta kirsi sin bu da
konta. Pami kriol ta konsigui rumpi ku kualker tipu barera”*

Mg. Sc. Peti Mama Gomes, comunicação pessoal. 25/09/2020¹.

*“As traduções intelectuais das que eu venho fazer a sua teoria a partir das vidas compartilhadas em
lugar de encomendá-las pelos correios. Meu pensamento tem se nutrido diretamente da escuta das
minhas próprias perturbações, reconhecendo a quem as compartilhava, quem as validava,
intercambiando histórias sobre nossas experiências comuns e encontrando pautas, sistemas,
explicações sobre como e porquê acontecem as coisas. Esse é o processo central da tomada de
consciência, do registro colectivo. É assim como cresce a teoria feita em casa”.*

Aurora Levins Morales, *Certified Organic Intellectual*. 2001.

¹ “Falar crioulo quando estou longe pra mim significa que estou mais perto daquilo que é meu, porque me entrego de vida e alma por inteiro sem medir as palavras. É tão difícil brigar em português! Em crioulo torna muito mais fácil... é automático, a conversa flui e em um estalar de dedos você está dizendo o que sente sem nenhum esforço. O crioulo para mim rompe qualquer barreira”. Depoimento e tradução gentileza de Peti Mama Gomes, Mestre em Antropologia (UNILAB) e Doutoranda em Antropologia Social (PPGA/UFPA) de origem guineense.

“O inglês padrão não é a fala do exílio: é a língua da conquista e da dominação (...) Não é a língua inglesa que me machuca, mas o que os opressores fazem com ela, como eles a moldam para transformá-la em um território que limita e define, como a tornam uma arma capaz de envergonhar, humilhar, colonizar?”

Bell hooks, *Ensinando a transgredir. A educação como prática de liberdade*, 2013.

Introdução

As tradutólogas Luciana Carvalho Fonseca *et al* (2020) apontam que nos últimos anos os estudos da tradução, especialmente aqueles marcados por um registro feminista “interseccional, decolonial, pós-colonial ou transnacional” (pp. 210) têm sido uma ferramenta estratégica para o deslocamento do *statu quo* acadêmico durante a última década nos diversos países da América Latina. A tradução de tempos e espaços distantes, como aqueles nos quais Zora Neale Hurston produziu seus sentipensares (Fals Borda, 2009), também é um exercício não só de adestramento técnico para alcançar a maior fidelidade possível a respeito da reprodução da voz original em uma língua alheia: é também a possibilidade de abrir um processo reflexivo que envolve um diálogo entre contextos de criação, distantes há quase um século e a milhares de quilômetros de distância, e de recepção, isto é, nosso aqui e agora que é o contexto de formação universitária, o campo das ciências sociais e humanas, o espaço geográfico e cultural nordestino e brasileiro, a necropolítica acirrada destes tempos pandêmicos.

Poderíamos traçar um fio condutor que conecta as indagações de Hurston às nossas realidades. E esse fio condutor bem poderia ser a opressão que ela, como sujeita histórica, sofreu. As mesmas opressões, fundamentadas nos parâmetros do racismo estrutural e do patriarcado, afetam a grande parte da sociedade brasileira atual, especialmente às mulheres negras e indígenas, atravessadas por formas de precarização da vida, racismo, genocídio e epistemicídio cotidianas. Reconhecemos o olhar de Zora Neale Hurston como o de uma sujeita que não só fez parte da história, mas que assim se reconheceu, questionando os grillhões que condicionavam sua atuação plena no mundo. Outro fio condutor, desde a crítica que Hurston faz às relações interraciais, pode ser também interpelar às branquitudes que atravessam nossa experiência particular e coletiva no campo acadêmico.

A perspectiva das nossas traduções (Echazú Böschemeier *et al*, 2020) é crítica mas também politicamente propositiva: procura sacudir a poeira do cânone e voltar a exigir que todas as agências que compõem a realidade social e cultural das comunidades transitem, se estabeleçam e territorializem sua passagem na academia. Também apela para que as teorias sejam ferramentas não somente teoricamente sofisticadas, mas que dialoguem com as pessoas historicamente subalternizadas e que se reconheçam nelas. Junto com Zora Neale Hurston, nosso projeto tradutório elabora o desejo de que a teoria seja um instrumento de reconhecimento íntimo e de transformação da realidade: sendo assim, por exemplo, defende que o entendimento do racismo estrutural genocida seja considerado em todas as análises sociais, não ficando restrito somente às discussões temáticas da área. Assim mesmo, propõe que as elaborações teóricas surjam dos locais de onde elas são mais necessárias e que acompanhem as emergências da realidade contemporânea reservando, finalmente, sua potência analítica para compreender o lugar das sujeitas e dos/as sujeitos/as oprimidos/as na história, na antropologia e nas literaturas das nossas sociedades.

O projeto RECânone

As traduções de e sobre Zora Hurston apresentadas fazem parte do primeiro ciclo do projeto de extensão chamado RECânone, “Oficina permanente de tradução, interpretação e legendado de materiais indígenas, afrodiaspóricos e latines” cujo primeiro ciclo teve início entre julho-dezembro de 2019 na Universidade Federal de Rio Grande do Norte, Natal, Brasil. A escolha, leitura e tradução do inglês para o português de textos de Zora Neale Hurston foi o catalisador de nosso diálogo entre conhecimentos antropológicos e da cultura produzidos entre margens e espaços Sul-Sul no intuito de nos alinharmos com outras memórias e heranças de conhecimento em chave interseccional e decolonial.

O projeto RECÂNONE surge de preocupações recorrentes dentro de nossa tarefa como educadoras na universidade, particularmente no cruzamento da participação em um ambiente educacional altamente elitista em regiões historicamente marginalizadas e precárias, como as áreas rurais e urbanas do nordeste brasileiro. Nos propomos a descolonizar pensamento e práticas, construindo rotas alternativas de leitura para cursos ou matérias, questionando o lugar dos/as autores/as que consideramos “leituras obrigatórias” dentro das nossas disciplinas formativas. Pretendemos que autoras/es e textos de grande riqueza teórica, epistemológica e política, mas esquecidos, se tornem fontes da formação educativa, sendo levados/as às discussões nas comunidades, por fora dos muros acadêmicos.

Desde o ano 2017 registramos nossos processos de reflexão em publicações de escrita coletiva: Feminizando o Cânone (Echazú Böschmeier *et al*, 2017) que consistiu em um artigo dividido em um programa de disciplina (*syllabus*) e um comentário crítico publicados na revista *Teaching Anthropology*, da Royal Anthropological Association. A alegria de tal publicação nos permitiu trazer a discussão, escrita na hegemônica língua inglesa, para o Norte, e mais especificamente para espaços hegemônicos de produção do conhecimento antropológico no cenário global. Em 2018, este programa de leituras foi complementado com outras informações tornou-se um artigo escrito em português, “A escrita feminina nos “clássicos”; antropológicos do Sul: Uma reflexão anticânone” (Blanco *et al*, 2018). Neste texto, apostamos em propor autoras que escreveram contribuições em espanhol e português e que, por sua vez, foram pouco conhecidas e reconhecidas dentro do cânone antropológico. A partir de questões de raça, etnia, gênero e classe descrevemos a inserção particular dessas mulheres na estrutura de conhecimento-poder que estava em vigor em seus lugares de pertencimento.

Entretanto, observamos que uma barreira lingüística definida por antigas histórias coloniais colocou obstáculos ao acesso a textos em espanhol para as audiências falantes de português. Assim, a ideia das traduções surgiu de um desejo de compartilhar esses diálogos descolonizadores para além das fronteiras nacionais. Nesse sentido, as traduções seriam compreendidas como pontes, não somente lingüísticas mas também culturais que permitiriam que as pessoas se deslocassem nos diversos espaços de produção de conhecimento com maior autonomia. Durante 2019, foi construído um diálogo entre professoras e alunas/os das áreas de Antropologia, História e Letras-Ingês pertencentes a duas universidades do Nordeste brasileiro: a Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN e a Universidade da Integração internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB, a partir do segundo semestre de 2019. Com a intenção de reconhecer a natureza eurocêntrica do cânone de conteúdo antropológico em particular e das ciências sociais e humanas em geral, o projeto RECânone começou a promover uma investigação sobre a necessidade de ampliar, problematizar e enfatizar a rígida rede de textos canônicos a partir das contribuições de conteúdos desenvolvidos por antropólogos/as e autores/as não necessariamente formados/as na antropologia acadêmica, mas marcados/as pela impressão do olhar antropológico (Echazú Böschmeier, 2019).

Como parte dessa iniciativa, compilamos uma longa lista de textos e materiais visuais escritos por indígenas, afrodescendentes, latinos/as e africanos/as para serem traduzidos e legendados para o português e posteriormente propostos como conteúdo curricular nas disciplinas teóricas básicas de antropologia e ciências sociais no Brasil. Assim, os processos de tradução são realizados com a intenção não só de melhorar nossa capacidade técnica na elaboração de novos produtos, mas também de discutir os/as autores/as, seus ambientes de produção, as formas em foram silenciados/as e as estratégias

epistemológicas, teóricas, políticas e pedagógicas necessárias para inserir a discussão sobre esses trabalhos no contexto dos chamados “clássicos” das ciências sociais e humanas.

Zora Neale Hurston, uma gênica do Sul global

“*I had the nerve to walk my own way*”

Zora Neale Hurston, 1943²

“*[She] Loves music. Loves dance. Loves the moon.
Loves the Spirit. Loves love and food and roundness.
Loves struggle. Loves the Folk. Loves herself. Regardless*”

Alice Walker, 1983³

Zora Neale Hurston nasceu na cidade de Eatonville, Flórida, em 7 de janeiro de 1891, onde não conheceu a mesquinhez e a violência da cultura branca até sair de lá. Eatonville não era qualquer lugar no mundo. Embora estivesse situado no racista Sul dos Estados Unidos, poderíamos defini-lo como uma experiência de autonomia negra: uma cidade fundada e gerida integralmente por uma população afrodescendente, em razão de processos históricos de aquilombamento que fizeram com que um grupo de famílias negras comprassem terras de maneira conjunta de modo a que a quantidade de terras adquirida pudesse constituir-se legalmente num condado autônomo com sua própria Constituição local⁴. Eatonville tem 3004 quilômetros quadrados de extensão e tinha 2100 habitantes no ano 2010⁵.

Na sua Eatonville natal Zora Neale Hurston se nutriu da força da cultura de seu povo a partir de uma experiência relativamente protegida dos parâmetros hegemônicos de racialização do mundo

² “Tive a coragem de traçar meu próprio caminho” (tradução nossa). Carta ao poeta Contee Cullen, março, 1943. Disponível em <https://www.pbs.org/wnet/americanmasters/zora-neale-hurston-jump-at-the-sun/93/>.

³ [Ela] Adora a música. Adora dançar. Adora a lua. Adora o Espírito. Ama o amor, e as comidas, e as formas arredondadas. Ama a luta. Ama o povo. Ama-se a si mesma. Sem se importar com mais nada” (tradução nossa).

⁴ No Brasil, a legislação local é comparável ao que em inglês se chama de *municipal law* (lei municipal). Eatonville se organiza juridicamente pelo sistema de *town house* (conselho de cidadãos). Um *town house* composto somente de pessoas negras se organizou pela primeira vez para votar sua auto-gestão incluindo a formulação de seu aparato jurídico, o qual deveria estar de acordo com a Constituição maior. Esse aspecto é frequentemente subvalorizado na discussão da história da cidade, mas aparece de forma bem nítida conforme, por exemplo - entre muitos textos consultados - o artigo *The History and Legacy of Eatonville, Florida* onde se lê (grifos e tradução nossos): “Eatonville [...] foi originalmente projetado como uma comunidade que deu aos/às Afro-Norte-Americanos/as a chance de viver *como eles/as queriam* de forma *independente* a respeito da sociedade branca. O *autogoverno* e a independência foram finalmente alcançados pelos/as cidadãos/ãs de Eatonville, tornando à cidade uma inspiração para os/as Afro-Norte-Americanos/as de toda a nação para criar seus espaços de vida *auto-sustentáveis*”. Disponível em <https://www.jamesmadison.org/the-history-and-legacy-of-eatonville-floridas-pioneering-african-american-town>.

⁵ Fonte: Censo Nacional dos Estados Unidos, 2010. Disponível em: <https://www.census.gov/prod/cen2010/cph-2-1.pdf>. Acesso em 12/09/2020.

desse sul dos Estados Unidos de inícios do século XX. Uma força que nos lembra àquela de autores negres e quilombolas, como Beatriz Nascimento (1985) que desenvolve sua noção de aquilombamento como prática de resistência ontológica e existencial, ou Antonio Bispo (2015) que propõe a construção de pedagogias contracoloniais que tornem visível a experiência corporal intersubjetiva de um coletivo que se reconhece como negro, e a partir daí afirma a sua existência no mundo.

Talvez seja possível perceber a força dessa matriz na educação de Zora Hurston nas produções que ela materializou, apontando com agudas observações teóricas, políticas e etnográficas uma realidade virulenta naqueles tempos em que o racismo e machismo atravessavam a realidade das mulheres negras: “*Às vezes eu me sinto discriminada [sinto o preconceito contra mim], mas isso não me provoca zanga. Isso apenas me deixa atônita. Como alguém pode negar a si mesmo o prazer de minha companhia? Isso está além de minha compreensão*”⁶.

Zora Hurston, “uma gênica do Sul”: era assim como Alice Walker a chamava, se referindo ao fato desta pessoa extraordinária ter nascido no Sul dos Estados Unidos. Nós aqui gostaríamos de expandir o espaço que corresponde a esse “Sul” apontado por Walker para além das fronteiras nacionais e trazê-lo para dialogar junto com os outros pontos sulinos da configuração geopolítica da subalternidade mundial. Assim, gostaríamos que as realidades linguísticas, raciais, sociais e culturais descritas por Zora dialogassem e se reconhecessem no crioulo, no tupi, nas LIBRAS e nas outras línguas, saberes e fazeres invisibilizados pela força da colonização racista e normalizadora. E é por isso que, desde uma perspectiva intercultural, interseccional, descolonizadora e popular, gostaríamos de abraçar a obra de Zora Hurston como aquela realizada por uma “gênica do Sul Global”.

Tal genialidade não se coloca como um artifício da mente racional: Zora Hurston foi uma pessoa que enfrentava suas próprias dores veiculando a consciência corporalizada de sua potência e de seu esplendor como sujeita sentipensante em constante redefinição. Reivindicando o feminino em um mundo misógino e a negritude em um mundo racista, ela fazia do corpo seu ponto de partida epistemológico para a própria relação com o mundo. Assim, podemos dizer que o ativismo dentro dos direitos civis, a antropologia, a performance, a ficção, as histórias humorísticas e os cânticos folk que recuperava “como uma aspiradora” e sem filtros durante seu trabalho de campo eram parte de um continuum expressivo que lhe permitia falar com força única sobre o mundo a seu redor.

No contacto com a violência do mundo branco, em especial dos/as brancos/as ricos/as dos quais dependia, em grande parte, o sucesso de pessoas subalternizadas como ela dentro do mundo acadêmico e literário, Zora Hurston experimentou múltiplas formas de discriminação, negação e

⁶ Em: *How it Feels to Be Colored Me*, 1928.

silenciamento escrevendo, corajosamente, sobre as reflexões vindas destas experiências⁷. Como a escritora Maria Eugenia Cotera aponta no seu texto sobre a relação de Zora Hurston com a ciência antropológica (2008)⁸, Franz Boas deixou de apoiar as suas pesquisas e manteve uma relação distante com ela após desentendimentos sobre como devia ser o papel de um/a antropólogo/a durante o trabalho de campo. Por sua vez, o estudioso John Lomax - que ficou conhecido como um grande intelectual, enciclopedista do folclore Negro do sul dos Estados Unidos- , que coletou e guardou os tesouros da música negra que Zora lhe ensinou, jamais agradeceu suas contribuições de forma oficial. A senhora Osgood Mason, patrona branca das Artes Negras, manipulou suas criações e pesquisas e também delas se apropriou. E ela também houve de sofrer da negação e do machismo de seus brilhantes companheiros do Renascença de Harlem, como foi o caso do uso de referências degradantes à sua pessoa nos conflitos públicos que teve com Langston Hughes e Richard Wright (Story, 1989).

Autorreconhecida como um ser completo, complexo e contraditório, Zora Neale Hurston também gostava de descrever dessa maneira às outras pessoas negras. Nesse sentido, a negritude não aparecia como um horizonte uniforme e polido, mas sim como um espaço tensionado por particularidades das mais diversas. Frente aos conflitos que iam aparecendo nos caminhos do sensível privilégio de machismos e branquitudes, ela afirmava não chorar para o mundo, mas se manter ocupada “amolando sua faca de ostras”: assim, suas criações dentro e fora da academia continuavam a ser afiadas, incisivas e profundamente questionadoras de qualquer forma de *statu quo*. Deixamos aqui alguns dados biográficos de Zora Hurston, que poderão ser complementados em sites dedicados à vida dela - recomendamos o Arquivo Digital da obra da autora⁹.

⁷ Ver o texto O Sistema do Negro de Estimação, [*The Pet Negro System* - 1943] nesta compilação.

⁸ O texto de Cotera foi traduzido, com permissão da autora, nesta compilação.

⁹ Arquivos de Zora Neale Hurston. Disponível em: <https://chdr.cah.ucf.edu/hurstonarchive/?p=archive-collections>. Acesso em 10/10/2020.



Imagem: Dados Biográficos de Zora Neale Hurston
Elaborado por Pábllo Eduardo Viana Pereira

Voltando a nossa hipótese inicial, nos aventuramos a pensar que essas suas qualidades germinaram, talvez, nas experiências de autonomia comunitária vindas da sua infância no *palenque*¹⁰, que formou em seus primeiros anos de vida o cerne de um espírito resiliente. Zora Neale Hurston fez sua passagem para a morte em 28 de janeiro de 1960. Ao morrer, deixou-nos um legado aberto e em permanente construção: o da agência histórica das mulheres negras.

O Festival *Zora!* em Eatonville

¹⁰ *Palenque* é o nome dado aos quilombos na Colômbia, Equador e outros países da América Latina.

Na medida em que redigimos esse texto, vemos o quanto é difícil nos afastarmos de Eatonville. O quilombo, já urbanizado, se ressignifica no tempo para dar lugar a novas formas de emancipação histórica e social. Se você olhar o selo oficial de Eatonville, onde está escrito a data de sua criação, 1887, junto com a frase “A Cidade Que a Liberdade Construiu”, entenderá o lugar que essa cidade ocupa não apenas no imaginário, mas na vida real do Povo Negro nos Estados Unidos. Também compreenderá talvez o motivo pelo qual na década de 1980 as autoridades locais queriam construir uma grande rodovia atravessando a cidade. Dessa vez a força, organização e determinação do Povo Negro salvou a cidade, com a força de uma poderosa ancestralidade que tornou Eatonville “um paradoxo de triunfo e luta”¹¹.

A situação de Eatonville mudou radicalmente desde a publicação do texto de Alice Walker, “Procurando Zora Hurston” (1975)¹², que narra a própria viagem da autora até Eatonville, para encontrar que Zora tinha sido enterrada em uma cova anônima. Os/as moradores/as, sob a inspiração de duas mulheres, as Sras. Ella Mae Dinkins e sua filha, N. Y. Nathiri “afiaram suas facas feitas de ostra”, à maneira de Zora, e criaram o Festival *Zora!*, cuja primeira edição em 1990 foi um sucesso que só aumenta desde então. O Festival acontece todo janeiro. É uma grande celebração de todas as artes e feitos da comunidade afrodescendente. Foi agregado a ele o evento Feliz Aniversário Zora! a cada novo dia 7 de janeiro— uma data que é celebrada com o teor do ano Novo de Eatonville. Zora revigorou a cidade ressignificando-a substancialmente. Poderíamos dizer que Eatonville está para o povo negro e as epistemologias afrocentradas como Stratford-Avon, a cidade de Shakespeare, está para a cultura e a epistemologia Ocidentais: uma pequenina cidade que é o coração de um povo. A cidade não apenas sobreviveu, mas foi declarada oficialmente área histórica¹³. Mais uma vez, Zora e sua cidade se tornam um coração, vibrante e poderoso, legado vivo de seu povo. Desde dentro de Eatonville, o olho invejoso do povo branco é todo ano esconjurado.

Uma perspectiva antropológica

Nas observações da escritora, poetisa e ativista afro-norte-americana Alice Walker, Zora Neale Hurston é “uma das autoras não lidas mais significativas” (Walker, 1975, p. 1). E isso parece acontecer em todas as áreas por onde ela produziu suas obras, mas sobretudo na área da ciência antropológica,

¹¹ Fonte: Entrevista a Damien Cave *Town Apart, the Pride and Trials of Black*. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2008/09/29/us/29florida.html>. Acesso em 12/10/2020.

¹² O texto de Alice Walker foi traduzido, com permissão da autora, nesta compilação.

¹³ Fonte: Entrevista a Damien Cave *Town Apart, the Pride and Trials of Black*. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2008/09/29/us/29florida.html>. Acesso em 12/10/2020.

com a qual a autora teve uma relação de permanente tensão criativa e sufoco disciplinar desde o mesmo momento em que iniciou seus passos como antropóloga em formação na década de 1930 na Universidade de Columbia.

A antropologia da época se debatia entre a consolidação da escola estrutural-funcionalista na Inglaterra, o trabalho dos alunos de Marcel Mauss em uma França que tinha sido interrompido na primeira guerra mundial e a emergência de uma sistematização antropológica em uma dimensão nunca antes vista a partir da proposta da escola culturalista norte-americana (Eriksen e Nielsen, 2001). Seria esperável encontrarmos as produções escritas e audiovisuais de Zora Neale Hurston dentro dessa genealogia, junto como suas colegas e contemporâneos/as Ruth Benedict, Margaret Mead e, dentre os homens, Franz Boas e Gregory Bateson. Mas a respeito dela houve, e ainda pesa, um silêncio incômodo.

Esse silêncio parece beber de um estilo de fazer antropologia onde, a diferença das produções intelectuais dos colegas da época, as artes, o ativismo e o interesse científico se encontravam fortemente entrelaçados. Engajada na produção de uma antropologia encarnada, de uma literatura antropológica e de um ativismo com base social e histórica, a autora navegava nas margens, nas bordas e nas entrelinhas. Outra das particularidades da contribuição dessa autora se encontra nas facetas artístico-performáticas que desenvolveu: navegando por estilos fortemente autobiográficos e se apoiando na potencialidade de seu próprio acesso privilegiado a materiais vindos de vozes Negras extremamente marginalizadas, ela desafiou os estreitos limites da antropologia de entreguerras com uma proposta radical, pouco disposta a honrar as “linhagens dos mestres fundadores” próprias das linhas hegemônicas das antropologias centrais (Eriksen e Nielsen, 2001).

Se lançando na direção contrária ao progressismo liberal implícito na abordagem culturalista norte-americana, Zora N. Hurston se colocou como relatora de uma realidade social que a atravessava e à qual não conseguia aprender como um mero objeto de uma ciência social higienizante, pois essas realidades faziam parte dela. É muito interessante observar as maneiras pelas quais Hurston questiona, nos seus diversos escritos, vídeos e performances, uma série de pressupostos da ciência antropológica que posteriormente irão ser abraçados por movimentos que tensionam, propõem superar ou se opõem à modernidade ocidental: a pós-modernidade, a pós-colonialidade, a decolonialidade, a anticolonialidade e a contracolonialidade (Echazú Böschemeier e Gomes Santos, 2020).

Metodologias tradutórias

A professora da Universidade de Oxford Ankhi Mukherjee observa que o cânone consegue “congelar a arte literária da memória” (Mukherjee, 2010, p. 1029) por meio de mecanismos de poder

perpetuados dentro das práticas acadêmicas no interior dos diferentes campos disciplinares. O cânone é “uma ansiedade arquivada, uma unidade imaginada” (Mukherjee, 2010: 216) em redes de textos produzidos por práticas específicas de autoridade científica como centrais, referenciais e legítimos. As metodologias pós-coloniais como as propostas pela autora se colocam como contrárias a qualquer universalismo globalizante ou literatura pretendidamente “clássica e universal”.

Nossa metodologia é nutrida pelo posicionamento de intelectuais e ativistas do Sul Global que se colocam a contrapelo das formas de produção da colonialidade do saber e do poder (Mendoza, 2019), dentre os quais se contam intelectuais como Homi Bhabha (1994), Talal Asad (1996), Gayatri Spivak (2010), dentre outros/as. No processo tradutório, cultivamos a criação de espaços críticos, reflexivos, híbridos, dialógicos e experimentais, colocando nosso foco não somente no produto — que, nesse caso, se refere à tradução de peças escolhidas da obra de Zora Hurston — mas também nos processos epistemológicos, políticos, culturais, sensoriais e cognitivos envolvidos para chegar a tal objetivo. Partindo das propostas da descrição densa oriundas da antropologia interpretativa (Clifford & Marcus, 1986), o linguista anglo-ganês Kwame Anthony Appiah (1993) definiu como “tradução densa” [*thick translation*] ao exercício de tradução-reflexão que se realiza sobre o processo: nesse sentido, uma tradução densa é uma tradução realizada com atenção e cuidado em relação aos contextos tanto de origem quanto de recepção.

O semiólogo argentino Walter Mignolo (1991) aponta para o processo de recepção de leitores/as no processo de fortalecimento dos textos que se encontram fora do cânone: “devemos convidar estudantes a discutir criticamente as estratégias de formação e transformação do cânone” (p. 14), questionando a universalidade das ideias canônicas, por uma parte, e o caráter regional, com que são definidas as produções que se encontram fora do cânone. As estratégias de ensino das genealogias teóricas dentro dos cânones particulares devem permitir uma relação permanente e crítica com o posicionamento dos textos e autores/as dentro dele, observando o risco de perpetuação de hegemonias e compensando essa tendência com o desenvolvimento de ferramentas teórico-metodológicas necessárias para questionar as próprias bases desse *statu quo*. Nesse sentido, a discussão sobre o cânone se alimenta da discussão político-epistemológica das interseccionalidades, a justiça epistêmica e as conquistas sociais, culturais e pedagógicas do movimento negro, indígena e de outros coletivos historicamente invisibilizados (Gomes, 2017).

Teias de referências invisíveis

Nosso aproveitamento da análise interseccional como uma perspectiva teórica com foco fortemente sócio-antropológico (Crenshaw, 1991; Hill Collins, 2015), em diálogo com os estudos da tradução cultural densa se articulam em dimensões: a da produção autoral e a da recepção posterior dos textos. A interseccionalidade nos permite indagar os motivos aparentemente externos às obras que se mostram, de fato, intrínsecos à existência das mesmas nos territórios discursivos reconhecidos como canônicos. Quais corpos produziram esses registros? Como eles eram lidos socialmente em termos de raça-ethnicidade, gênero, classe, deficiência e sexualidades? Isso se corresponde com uma leitura crítica dos contextos de produção. No que diz respeito aos contextos de recepção, a análise interseccional também nos fornece elementos para o diagnóstico social de nossos/as leitores/as: como são lidos socialmente em termos de raça-ethnicidade, gênero, classe, deficiência e sexualidades os *corpos leitores* aos quais se dirigem nossas traduções? E em seguida, que práticas de justiça epistêmica podemos ativar de maneira em que elas atinjam simultaneamente nossas bibliografias, traduções, política de cotas, concursos públicos e práticas pedagógicas de ensino, pesquisa e extensão?

As ferramentas teórico-metodológicas da decolonialidade (Mendoza, 2019) também nos permitem questionar, desde vários pontos de vista, a solidez do cânone antropológico (Echazú Böschemeier *et al*, 2017; 2019; 2020). Assim, por meio da tradução cultural de vozes subalternizadas (Bhabha, 1994; Spivak, 2010) fortalecemos o diálogo entre epistemologias vindas de espaços Sul-Sul (Mohanty, 1984; Souza Santos, 2010). Nos trânsitos “entre mundos” (Lugones, 2003) da tradução inter-cultural e densa é possível transitar por diversos diálogos entre culturas, grupos e identidades em contínua transformação. Nesse sentido, apesar do trabalho sistemático em cima dos dispositivos de cuidado técnico trazidos à tona a fim de compreender a especificidade lexical, cultural, política e histórica dos materiais em questão, o processo tradutório tal e como é compreendido pela equipe não contempla as traduções como um ato higiênico, técnico e “neutralizante”. Muito pelo contrário, a riqueza que lhe é intrínseca nos motiva a nos posicionarmos, nos questionarmos e tensionar nosso próprio lugar nas interseções do campo social de produção de conhecimento.

Assim, poderíamos dizer que o trabalho de reconstrução de genealogias intelectuais não canônicas nos exigiu formas não canônicas - e mais horizontais - de abordar o processo de tradução. As notas de rodapé, os glossários, as frases selecionadas, os gráficos, os cordéis, os desenhos, as colagens, as receitas transformadas em comidas e inclusive os próprios e-mails de solicitação de autorização para tradução dos textos se constituíram como um conjunto de registros coletivos, interlocutores dos documentos originais que estavam sendo traduzidos. Nesse sentido, os textos

escolhidos, traduzidos e apresentados neste número especial se constituem como uma teia de referências invisíveis que constituem a própria experiência de ter traduzido Zora Neale Hurston desde meados de 2019.

Traduzir como ato de resistência

Acreditamos que a nossa leitura, releitura, tradução, redação de notas e correção coletiva dos originais se configurou não só como um ato de cuidado arquivístico, literário, antropológico e histórico a respeito da realidade tal e como Zora Hurston a interpretou e registrou, mas também como um ato de resistência (Benjamin, 1923) com raízes locais, regionais, nacionais e latino-americanas. Somos parte do início, já começado em outras produções (Basques, 2019) de um diálogo de múltiplas camadas entre Hurston e o campo social e cultural brasileiro.

A seguir, apresentamos um gráfico com o fluxo de trabalho que temos seguido na realização das traduções:



Imagem: Fluxo de trabalho realizado para as traduções do projeto RECânone

Elaborado por Ana Gretel Echazú B.

Como consta no fluxo de trabalho apresentado, inicialmente os textos foram escolhidos e traduzidos, permanecendo o processo de autorização das traduções em terceiro lugar. Atravessamos uma série de dificuldades na procura de autorizações com os grandes nomes do circuito editorial internacional. Mesmo no caso de autoras como Zora Hurston, cuja obra já se encontra dentro dos prazos das leis de domínio público, atravessamos uma série de burocracias que nos demonstraram o quanto as ideias geniais desta autora estão atreladas a interesses comerciais. Assim, o fato de que Zora Hurston não tenha se tornado tão conhecida no Brasil e o restante da América Latina talvez não seja somente atribuível ao caráter eurocêntrico e racista do cânone, mas também aos interesses das grandes editoras que asfixiam os movimentos tradutórios que não se encontram dentro de corporativas, dos “mercados grandes da palavra”, como diria o cantautor cubano Silvio Rodríguez. Com o caso das outras duas autoras traduzidas, a estudiosa Maria Eugenia Cotera e a grande Alice Walker, tivemos mais sorte, contando com uma autorização direta para a tradução dos textos por parte delas.

À maneira de digressão poética manifestando a alegria pela autorização da tradução dos textos, colocamos aqui capturas dos emails de Alice Walker e Maria Cotera:

----- Forwarded message -----

De: Alice Walker <tkate1@earthlink.net>

Date: sex., 14 de ago. de 2020 às 15:22

Subject: Re: Searching Pmission to Translate Searching For Zora

To: Sandra Guarani-Kaiowá Tibete <sandrakaiowa@gmail.com>

Cc: Joy Harris <joy@joyharrisliterary.com>, Rebecca Walker <rebecca@rebeccawalker.com>

Dear Professor Erickson,

You have my permission to translate and reprint LOOKING FOR ZORA. Of course!

I have no idea why you have not heard from my agent, Joy Harris, in NYC. Do you have her address?

In any case, I will forward your request to her office.

Thank you. I am more than a fan of Brazil and its people. I was there only for the blink of a teary eye. Sweetly moved by the kindness and thoughtfulness of Brazilians I met.

Blessings,

Alice

Imagem: Email de Alice Walker a Sandra F. Erickson

----- Forwarded message -----

De: **Maria Cotera** <mcotera@umich.edu>
Date: Seg, 17 de dez de 2018 11:02
Subject: Fwd: Zora to Portuguese
To: Gretel Echazú <gretigre@gmail.com>

Good morning Gretel,

I have received permission from the press for you to translate and publish the chapter on Zora Neale Hurston in *Native Speakers* (see below). Good luck with your important project!

Maria E. Cotera
Director, Latina/o Studies Program
American Culture Department
Women's Studies Department
University of Michigan



Native Speakers: Ella Cara Deloria, Zora Neale Hurston, Jovita Gonzalez and the Poetics of Culture
Winner of the Gloria Anzaldúa Book Prize, National Women's Studies Association (2009)

Imagem: Email de Maria Cotera a Ana G. Echazú B.

Após passarmos por complexos labirintos burocráticos em prol das autorizações dos textos de Zora Hurston, decidimos revisar nosso fluxo de trabalho e apresentar a seguinte proposta tradutória:



Imagem: Fluxo de trabalho proposto para as traduções do projeto RECânone
Elaborado por Ana Gretel Echazú B.

Junto com iniciativas como a de Messias Basques, de origem independente das grandes editoras, a orientação de nossa equipe se projeta em torno da geração de ecos criativos com ressonância imediata na descolonização dos currículos e a afirmação micropolítica de uma equipe que sustenta, desde a cotidianidade, a luta antirracista. É necessário salientar que a própria condição da coordenação e colaboração mais experiente da equipe do projeto RECânone, composta por Sandra S. F. Erickson, Natalia Cabanillas e Ana Gretel Echazú B, três professoras brancas das áreas de literatura, história e Antropologia da UFRN e da UNILAB, assim como de alguns estudantes colaboradores/as, é uma característica corporal e cultural presente no processo e que merece ser colocada como um apontamento metodológico relevante nesta apresentação.

Acreditamos que é possível tensionar e contestar uma branquitude invisibilizada através do permanente exercício reflexivo, a formação de redes de colaboração e parceria com apoio de colaboradores e pesquisadores/as negros/as, o fortalecimento de micropolíticas de ação afirmativa e

o trabalho coletivo, multicultural e inclusivo com foco na justiça epistêmica não somente no que diz respeito aos textos a serem referenciados, mas também dos coletivos vivos cujo saber cotidiano luta para encontrar seu lugar nas academias nordestinas, brasileiras e latino-americanas. A referencialidade descolonizadora do saber e do poder talvez reavive nosso sentipensamento e nos torne mais alertas: sendo assim, não ousamos apresentar uma síntese definitiva de Zora Neale Hurston para o português brasileiro, mas sim, uma ponte linguística - dentre muitas possíveis - tecida entre margens epistêmicas dos Estados Unidos e do Brasil. Em termos de colonização linguística, as línguas inglesa e portuguesa ocupam um lugar similar: elas têm sido as línguas com as quais os coletivos escravizados se viram obrigados a reconstruir suas vidas e contar a suas histórias. Hoje, a língua colonizadora se dobra sobre si mesma como ferramenta utilizada na procura de conexões entre práticas ancestrais entre povos da diáspora africana.

Uma perspectiva literária

Nos apaixonamos pela autora pela força da sua escritura, mas também pela sua pessoa, sua história de vida e as marcas vivas de seu passo vigoroso do povo negro pelo movimento de direitos assim como pela academia. Desejamos oferecer o resultado dessa experiência como uma forma de encontro de saberes (Carvalho, 2018) mediada por fontes e registros da cultura e da imaginação, assim como por tradutores/as no processo. O diálogo direto entre culturas e sujeitos/as subalternizados é ainda uma utopia no nosso Sul Global. A formação monolíngue dos Estados modernos quebrou as asas do plurilinguismo intrínseco às comunidades locais e às diásporas históricas, empobrecendo os marcos de referência cultural e intercultural dos povos.

Dentro desse cenário, as línguas crioulas do Atlântico negro merecem uma enfática menção, pois elas sustentam diálogos móveis entre geografias locais, nacionais e internacionais em processos de diáspora e reapropriação da ancestralidade, o pertencimento e a agência criativa das línguas das margens (Parente Augel, 2006). Essa consciência da violenta orfandade linguística está muito presente na obra de Zora, quem insere em seus escritos a presença dos modos encontrados pelas comunidades negras de falar uma língua diferente da língua colonial, quer através do “inglês”, quer através do registro do que hoje chamam de *Afro American Language (AAL)*. Assim mesmo, é na direção do fortalecimento desses diálogos entre culturas e sujeitos/as subalternizados/as que o processo de traduções de textos de e sobre Zora caminha, convencido da qualidade emancipatória deste processo e dos que virão. Nosso cuidado metodológico nos fortaleceu como tradutores/as em estado de constante aprendizado,

confrontando o lugar de traidores/as¹⁴ em textos que poderiam ser afetados, de múltiplas maneiras, por olhares contrários aos sentipensares de Zora Hurston.

Nesse sentido, trabalhamos para preservar a correspondência semântica e a equivalência gramatical e cultural. Fiéis a uma leitura dos textos abraçados a seus contextos, cuidamos por reproduzir as marcas do estilo precioso da autora, as palavras que ela escolheu usar e com as quais teceu de modo sutil o imaginário poderoso que dá vida a seus textos e personagens. Também tomamos a precaução de não interpretar ou atravessar a palavra de sentidos que pudessem estar em nós e sem estar carregados na própria palavra, de modo a interferir o mínimo possível na recepção dos/as leitores/as, especialmente das suas leitoras mulheres - e muito especialmente, mulheres negras -, receptoras privilegiadas de uma obra cujo sentido as atravessa. Para isso, traduzimos os textos palavra-à-palavra e, somente na impossibilidade dessa fidelidade em razão de que a literalidade desviaria o texto por ser cognatos falsos ou por modificarem o contexto cultural original é que fizemos intervenções na literalidade. Nestes casos, notas de rodapés explicam a mudança e os motivos das nossas opções.

Outra estratégia empregada pelas tradutoras da equipe foi o desenvolvimento de uma Glosa exclusivamente orientada aos termos empregados por Zora que são exclusivos do que se tratou como *Afro-American Language*, anteriormente compreendido apenas como uma variação dialetal do inglês do Sul dos Estados Unidos (*Southern English*), uma “forma menor” do mesmo. A esse respeito, nosso olhar compreende que o inglês Afro-Norte-Americano deve ser tratado como uma língua com direito próprio (Anzaldúa, 1987) e não somente isso, mas também uma narrativa de resistência que, desde margens subalternas, se conecta com a diáspora africana no Sul Global, tornando-se uma memória viva da experiência social e cultural dos povos que transitaram e transitam o Atlântico Negro (Gilroy, 2001).

A metodologia para o tratamento destas fontes foi: consulta ao termo, verificação da sua presença ou ausência; consulta a glossários, glosas ou guias ou de *Southern English* e de *Southern English Idioms* (gírias) no motor de busca Google; consulta dos textos nas alternativas apresentadas pelo motor de busca Google onde a palavra também estava presente, consultando notas e materiais contidos nos textos para confirmar definições deles e sistematização destas buscas em uma Glosa aqui apresentada. Existem diversas publicações com o nome de “glossário” na internet, mas quando o/a leitor/a confere se trata do dialeto sulista¹⁵ - que os/as personagens de Zora Hurston, devemos notar, também usam -

¹⁴ Nos referimos ao provérbio italiano *Traduttore, traditore* (tradutor, traidor) popular nos estudos da tradução, pelo qual tradutores/as modificam, de forma consciente ou não, textos tanto literários quanto científicos.

¹⁵ “Dialeto sulista” (*Southern Dialect*) aqui significa o inglês regional do Sul dos Estados Unidos no qual as diferenças tanto gramaticais quanto semânticas não chegam a ser grandes o suficiente para impedir seu entendimento - coisa bem diferente do que acontece no caso do *AAL*.

mas que não representa de forma completa a realidade cultural do povo Negro do Sul dos Estados Unidos. O *AAL* (*Afro-American-Language*), que era aquele mais falado pelas pessoas negras, costuma ser deixado de lado, como se sua visibilização, registro e análise não fossem importantes. No caso da Literatura, por ocasiões algumas palavras do *AAL* são usadas como uma licença poética.

Acreditamos que a pouca exploração das diferenças não somente linguísticas, mas também históricas e antropológicas entre o chamado “dialeto” sulista, o *AAL* e o inglês normativo é um obstáculo persistente para a tradução da literatura produzida por autores/as afro-descendentes. Dicionários especializados e Glosas para os registros culturais específicos dos textos costumam ser recursos bastante limitados e precários.¹⁶ No caso específico das leituras realizadas desde o Brasil e as traduções para o português brasileiro, ler e traduzir as peças diversificadas da literatura afro-norte-americana requer o abandono voluntário do conforto do inglês embranquecido próprio da formação do inglês como língua estrangeira no Brasil, assim como do recurso automático aos dicionários clássicos que são pouco representativos da fala das pessoas reais sempre creoula, sempre resistente e desviante - relegada às margens por uma academia que não têm como prioridade representar seu povo. A glosa proposta nessa coletânea apresenta uma pequena semente desse trabalho que esperamos seja continuado por outras mãos e vozes no futuro.

Recepção dos textos de Zora

A presente geração de jovens estudantes em nossas academias traz uma perspectiva crítica do cânone, e muitos/as deles/as o colocam como uma expressão concreta do “mito WASP” - *White, Anglo-Saxon, Protestant*, isto é, de um mundo que é branco, anglo-saxão e protestante. Alunos/as de Letras-Inglês se mostraram ansiosos/as e abertos/as para essa aventura que representou estudar e traduzir literaturas subalternizadas, mesmo que tenha demandado deles/as o reconhecimento de que seu inglês - muitas vezes reconhecido como um “ótimo inglês” no contexto acadêmico local - é, infelizmente, *para inglês ver*: ele não representa a diversidade de modos gramaticais, semânticos e culturais da língua inglesa, sem fazer jus à sua rica complexidade - como é, por sinal, a complexidade que praticamente qualquer outra língua ostenta. Somam-se se a essas ponderações as complexas

¹⁶ Alguns desses dicionários são: American Heritage Dictionary of the English Language. 4a ed. Boston: Houghton Mifflin (2000); Down, Turner Lorenzo. Africanisms in the Gullah Dialect. South Carolina: University of South Carolina Press (2002); Green's Dictionary of Slang. Disponível em <https://greensdictofslang.com/>. Acesso: 10/06/2020. Uma descrição completa dos mesmos se encontra na Glosa apresentada nesta compilação.

relações de poder entre línguas a particular história da língua inglesa, que se imprime como a manifestação de um dos impérios mais sanguinários e expansivos desde o início do capitalismo.

A falta de um contexto crítico sobre as relações de poder entre povos e suas línguas é algo que torna o encontro com Zora Hurston talvez menos esplêndido no início. Os/as alunos/as daquele Inglês que vem das aulas do ensino particular onde aprenderam sobre *donuts*, *malls* e, em outros casos, *five o'clock tea* e *free will*, sofreram para aprender as variações do *to be* e navegam em um inglês padronizado e unidimensional. Frente aos textos de autores/as como Zora Hurston, eles/as sentem o impacto desse “outro” inglês: um inglês tido como “errado” e “defeituoso” para a norma padrão do inglês culto, mas que também pode ser considerado uma opção consistente da comunidade negra para resistir e criar cultura às margens do padrão branco, urbano e letrado. Assim, seus cantos e tambores silenciados ecoaram em *plantations songs* (cantos nas plantações), *spirituals*, *blues*, *jazz*... e textos de Zora Hurston. Todavia, mesmo sem esse preparo linguístico os/as estudantes participantes do projeto receberam os escritos de Zora com coragem e depois alguns deles/as continuaram o trabalho de levá-la aos olhos de muitos/as outros/as com paixão e compromisso.

Apresentação dos textos

Zora Neale Hurston escreveu em uma grande variedade de gêneros, tanto científicos (antropológicos e políticos) quanto literário: ensaios, artigos científicos, relatórios, conto, romance, teatro, cartas, poemas, teoria literária; recolheu e transcreveu enorme materiais da cultura de seu povo (canções, “causos”, provérbios, danças, rituais, relatos de vida). Por causa da falta de recursos técnicos (dicionários e estudos linguísticos) para lermos o *AAL* tivemos que escolher textos onde a presença dessa língua fosse menor, como foi o caso de *Spunk*, mas que, todavia, deleitará aos/às leitore/as com pequenas e memoráveis iguarias da *AAL*. Para a presente seleção, os textos que escolhidos e traduzidos foram:

1 - Hurston, Zora N. ([1928] 1995). Como Eu Me Sinto Sendo Uma Pessoa de Cor [How It Feels To Be Colored Me. Em Hurston, Z. N., *Folklore, Memoirs, and Other Writings*, p. 826- 829. New York: The Library Of America].

2 - Hurston, Zora N. (1949). O Lugar Onde Eu Nasci. [My Birthplace. Em Hurston, Z. N, *Dust Tracks on a Road: An Autobiography*, p. 10-11].

3 - Hurston, Zora N. ([1960] 1995). Embebida em Luz [Drenched in Light. En Hurston, Z. N., *Novels and stories* (p. 940-948). New York: The Library of America].

4 - Hurston, Zora N. (1925) Spunk [Em: *Opportunity: A Journal of Negro Life*].

5 - Hurston, Zora N. (1935) Prescrições de Doutores Raiz [Prescriptions of Root Doctors. Em Hurston, Z. N, Mules and men, Part IV, p. 281 - 85, Harper & Collins Ebooks].

6 - Hurston, Zora N. (1935). Carta a John Lomax [A Letter to John Lomax. Associação for Cultural Equity. Disponível em <http://www.culturalequity.org/alan-lomax/friends/hurston> Acesso: 03/09/2019].

7 - Hurston, Zora N. (1943) O Sistema do 'Negro Pet'. [The 'Pet Negro' System. En *American Mercury*, nº 56, p. 593-600]. En Zora Neale Hurston: *Leituras desde América do Sul / Readings from South America*. Compilación en vías de publicación.

8 - Erickson, Sandra Fernandes (2020). Texto escrito a partir de um trabalho interpretativo sobre receitas do livro de Fred Opie (2014), *Zora Neale Hurston on Florida Food: Recipes, Remedies, and Simple Pleasures*. Londres: The History Press. As receitas de Zora N. Hurston colhidas por Dr. Opie foram recolhidas de escritos anteriores da autora reunidos em *Folklore, Memoirs, and Other Writings* (1995).

9 - Walker, Alice (1975). Procurando Zora Neale Hurston [In search of Zora Neale Hurston, Ms. Magazine, p. 74-89].

10 - Cotera, M. Eugenia (2008) Inventando a Nação: Zora Neale Hurston e os usos literários do folclore [Lying up a Nation. Zora Neale Hurston and the Literary Uses of Folk. Do livro: *Native Speakers: Ella Cara Deloria, Zora Neale Hurston, Jovita Gonzalez and the Poetics of Culture*. University of Texas Press] pp. 70-91.

11 - Erickson, Sandra Fernandes (2020). Pequena Glossa Para Acompanhar a Leitura de Zora N. Hurston.

Como nota final, desejamos ótimas leituras e reverberações dos trabalhos aqui apresentados no público de leitores/as do âmbito brasileiro e do restante da América Latina.

Referências bibliográficas:

American Heritage Dictionary of the English Language. (2000) 4a ed. Boston: Houghton Mifflin.

Anzaldúa, Gloria (1987) *Borderlands – La Frontera*. San Francisco: Aunt Lute Books.

Appiah, Kwami A. (2000) Thick Translation. In L. Venuti (Ed.), *The Translation Studies Reader* (pp. 417-429). London & New York: Routledge.

Asad, Talal (1996) A Comment on Translation, Critique, and Subversion. In A. Dingwaney & C. Maier (Eds.), *Between languages and culture: Translation and cross cultural texts* (pp. 325-31). Pittsburg: University of Pittsburgh Press.

Basques, Messias (2019) “Zora Hurston e as luzes negras das Ciências Sociais”. Texto de apresentação da tradução de “O que os editores brancos não publicarão”, de Zora Hurston. v. 1 n. 1: Ayé: Revista de Antropologia. Disponível em: <http://www.revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/288>

Benjamin, Walter ([1923]1999) The Task of the Translator. In L. Venuti (Ed.), *The Translation Studies Reader* (pp. 15-25). London & New York: Routledge.

Bhabha, Homi (1994) *The Location of Culture*. London & New York: Routledge.

Bispo, Antonio (2015) *Colonização, quilombos. Modos e Significados*. Brasília: INCTI.

Blanco, Louise C.; Cristina D. Bezerra; Eugenia Flores; Telma J. Rodrigues B; Izis M. dos Reis; Ana G. Echazú B; Natalia Cabanillas (2018) A escrita feminina nos “clássicos” antropológicos do Sul: Uma reflexão anticânone. *Epistemologias do Sul/PR*, 2 (1), 66-100.

Carvalho Fonseca, Luciana *et al* (2020) Apontamentos basilares para os estudos da tradução feminista na América Latina. *Mutatis Mutandis, Revista Latinoamericana de Traducción*. Vol 13, Nro 2. PP 210-227. DOI: <https://doi.org/10.17533/udea.mut.v13n2a01>

Carvalho, José Jorge (2018) Encontro de Saberes: por uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In J. Bernardino-Costa, N. Maldonado- Torres e R. Grosfogel (Orgs.), *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica.

Clifford, James & Marcus, George (Eds.). (1986) *Writing culture: the Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley, EEUU: University of California Press.

Cotera, Maria Eugenia (2008) *Native Speakers: Ella Cara Deloria, Zora Neale Hurston, Jovita Gonzalez and the Poetics of Culture*. Texas: University of Texas Press.

Crenshaw, Kimberlé (1991) Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. *Stanford Law Review*, 43(6), 1241- 1299. Recuperado de <https://www.jstor.org/stable/1229039>. DOI: 10.2307/1229039.

De Jesus, Carolina Maria (1996) *Meu estranho diário*. Org. José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert Levine. Editora Xamã: São Paulo.

Down, Turner Lorenzo (2002) *Africanisms in the Gullah Dialect*. South Carolina: University of South Carolina Press.

Echazú Böschemeier, Ana G.; Isis Reis; Natalia Cabanillas; Olga R. Sierra; Maria J. Vilas Boas; Lucrecia Greco (2017) *Feminizing the canon. Classics in anthropology from the perspective of female authors*. Em: *Teaching Anthropology – A Journal of the Royal Anthropological Association*. Disponível em: <https://www.teachinganthropology.org/resources> Acesso em 10/10/2020.

Echazú Böschemeier, Ana G. (2019) *Crítica ao Cânone na Antropologia*. Entrevista en el Programa Café Filosófico - TV UFRN. Recuperado de: https://www.youtube.com/watch?v=BX_JSz0hm1c en 02-02-2020.

Echazú Böschemeier, Ana G.; Natalia Cabanillas; Sandra F. Erickson; Victoria D. Barbosa; Fernanda F. do Nascimento; Mikaelle T. da Costa; F. Cavalcante Freire (2020) *A tradução de Zora Neale Hurston para o cânone antropológico: Uma perspectiva feminista e interseccional*. En *Revista Mutatis Mutandis, Dossier Mujeres y Traducción*. No prelo.

Echazú Böschemeier, Ana Gretel and Gomes Santos, Luan (2020) “How Indigenous & Black People are Fighting Colonialism in the Academy”, Chacruna Institute, September 2020. Accessed October 02, 2020. <https://chacruna.net/indigenous-black-academics-decolonization/>

Eriksen, Thomas, & Nielsen, Finn (2001) *A history of Anthropology*. Chicago, EEUU: Pluto Press.

Fals Borda (2009) *Una sociología sentipensante para América Latina (antología)*, Bogotá, CLACSO/Siglo del Hombre Editores.

Gilroy, Paul (2001) *O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência*, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos.

Gomes, Nilma Lino (2017) *O movimento negro educador: Saberes construídos na luta por emancipação*. Petrópolis, Brasil: Vozes.

Hill Collins, Patricia (2015) *Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão*. In R. Moreno (org.), *Reflexões e práticas de transformação feminista* (pp. 13-42). São Paulo: SOF.

hooks, bell (2013) *Ensinando a transgredir. A educação como prática de liberdade*. São Paulo: Martins Fontes.

Hurston, Zora Neale (1928) *How It Feels To Be Colored Me*. Em: Z. N. Hurston, *Folklore, memoirs, and other writings* (pp. 826-829). New York: The Library Of America.

Hurston, Zora Neale (1943) *The ‘Pet Negro’ System*. Em: *American Mercury*, 56, 593-600.

Levins Morales, Aurora (2001) *Certified Organic Intellectual*. Em: *Telling to Live: Latina Feminist Testimonios*, Latina Feminist Group. Durham: Duke University Press.

Lugones, Maria (2003) *Pilgrimages/Peregrinajes: Theorizing Coalition against Multiple Oppressions*. Lanham: Rowman and Littlefield Publishers Inc.

Mendoza, Breny (2019) *La colonialidad del género y poder de la postcolonialidad a la decolonialidad. Miradas en torno al problema colonial: pensamiento anticolonial y feminismos descoloniales en los sures globales* / coord. por Karina Ochoa Muñoz, 2019, ISBN 9786078683000, págs. 35-72.

Mignolo, Walter (1991) *Canon and Cross-Cultural Boundaries. Or, whose canon are we talking about?* *Poetics Today*, 12(1), 1-28.

Mohanty, Chandra T. (1984) *Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses*. *Boundary 2*, 12(3), (pp. 333-358). Recuperado de <https://www.jstor.org/stable/302821>. DOI: 10.2307/302821

Mukherjee, Anji (2010) *What Is a Classic? International Literary Criticism and the Classic Question*. *PMLA*, 125(4), (pp. 1026-1042). Recuperado de <https://doi.org/10.1632/pmla.2010.125.4.1026>

Nascimento, Beatriz (1985) *O conceito de quilombo e a resistência cultural negra*. *Afrodíaspóra* Nos. 6-7, pp. 41-49.

Parente Augel, Moema (2006) “O crioulo guineense e a oratura”. Em: *Scripta*. Belo Horizonte, Vol. 10, n. 19, Segundo Semestre, pp 69-91.

Spivak, Gayatri (2010) *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte, Brasil: Editora da UFMG.

Sousa Santos, Boaventura (2010) *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes*. Em: B. S. Santos & M. P. Meneses (Eds.), *Epistemologias do Sul* (pp. 31-83). São Paulo: Cortez.

Story, Ralph D. (1989) “Gender And Ambition: Zora Neale Hurston In The Harlem Renaissance” *The Black Scholar* 20, no. 3/4: 25-31. Accessed October 11, 2020. <http://www.jstor.org/stable/41067631>.

Walker, Alice (1975) *In search of Zora Neale Hurston*. Em: *Ms. Magazine* (pp. 74-89).

Outras fontes:

Arquivos de Zora Neale Hurston. Disponível em: <https://chdr.cah.ucf.edu/hurstonarchive/?p=archive-collections>. Acesso em 10/10/2020.

Censo Nacional dos Estados Unidos, 2010. Disponível em: <https://www.census.gov/prod/cen2010/cph-2-1.pdf>. Acesso em 12/09/2020.

Eatonville. Disponível em <https://www.jamesmadison.org/the-history-and-legacy-of-eatonville-floridas-pioneering-african-american-town>. Acesso em 12/10/2020.

Entrevista a Damien Cave, Town Apart, the Pride and Trials of Black. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2008/09/29/us/29florida.html>. Acesso em 12/10/2020.

Green's Dictionary of Slang. Disponível em <https://greensdictofslang.com/>. Acesso: 10/06/2020.

Texto de apresentação**“Zora Hurston entre nós”**

Denise Ferreira da Costa Cruz

Doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília
Professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Vera Rodrigues

Doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo
Professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira**1. Introdução**

Em 2001, os sociólogos Ângela Figueiredo e Ramon Grosfoguel, publicaram “Por que não Guerreiro Ramos? Novos desafios a serem enfrentados pelas universidades públicas brasileiras”. Nesse texto, os autores questionaram a ausência de intelectuais negros(os) brasileiras(os) nas nossas universidades. Guerreiro Ramos era um bom exemplo, mas não o único. O “por que não?” pensado especialmente em relação às mulheres intelectuais negras poderia abranger outros nomes das Ciências Sociais e, mais precisamente, da Antropologia. Na última década, nomes como Virgínia Bicudo (1910-2003), Lélia Gonzalez (1935-1994) e mais recentemente Zora Hurston (1891-1960) têm sido “resgatados”.

Esse “resgate” tem sido feito por pesquisadoras(os) negras(os). Sem dúvida, isso nos faz pensar que esse trabalho ocorre face à ausência de pessoas negras em nossa formação. Ausência essa que passa a ser preenchida pelo tensionamento de uma agenda de produção de conhecimento que reconheça a contribuição de intelectuais negros(os). Por que a maioria de nós, docentes e discentes, temos somente agora nosso primeiro contato com a potência crítica e criativa de Zora Hurston? Essa é uma pergunta cuja resposta vamos tentar desvelar nessa escrita de, para e com intelectuais negras. Ao que parece existe algo de sistemático na exclusão dessas autoras e pensando nessa insistência de repulsão, é que daremos sequência à nossa escrita.

O texto se estrutura da seguinte forma: na primeira parte (Trajetória das ausências), faremos o cruzamento da trajetória de Zora Hurston com a trajetória de Lélia Gonzalez. Aqui iremos pensar como a trajetória desta antropóloga negra brasileira encontra ecos na trajetória da antropóloga negra que foi Zora Hurston. Na segunda parte (Ausência de Zora em nossa Trajetória), refletiremos sobre a lacuna em nossa formação antropológica. A seguinte pergunta nos norteará: Como o pensamento de Zora Hurston nos ajuda a refletirmos nossas próprias pesquisas? Por fim, na última parte (Zora entre

nós) iremos pensar nas contribuições que essa autora tem para o fazer antropológico. O percurso será um pouco tortuoso, como costuma ser tortuosa nossa trajetória.

2. Trajetória das ausências

O caminho é tortuoso, não há linhas retas a serem seguidas. Assim descobrimos que nossas intelectuais não fizeram uma caminhada linear, sem atalhos e/ou encruzilhadas. Em relação à Lélia Gonzalez, sabemos que na universidade sua mente inquieta a levou a percorrer as áreas da História, Filosofia, Comunicação Social e por fim a Antropologia. Para além dos muros acadêmicos, foi “cabeça pensante”, como diria a historiadora Beatriz Nascimento (1942-1995), na efervescência dos anos 70-80. Lélia Gonzalez teve atuação marcante na militância exercida no Movimento Negro Unificado (MNU), no Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), bem como no Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga e no bloco Afro Olodum. Também foi uma militante do campo político da esquerda brasileira candidatando-se a deputada em nível estadual e federal.

Em décadas anteriores, anos 20-50, nos Estados Unidos, Zora Hurston tinha em comum com Lélia Gonzales uma trajetória múltipla. Foi folclorista, roteirista, cineasta, escritora, antropóloga e, para a escritora Alice Walker, era um gênio. Lélia Gonzalez e Zora Hurston frequentaram universidades de reconhecido prestígio acadêmico, a saber Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade de Colúmbia. Ainda assim, não obtiveram entre seus pares, o esperado reconhecimento. Esse reconhecimento partiu mais fortemente de “outros pares” que vinham das artes, militância e amantes das Letras. Elas nos legaram escritas que afetam, envolvem e dialogam com leitoras(es) de ontem e de hoje. Inclusive, suas imagens revelam isso também como veremos a seguir:



Figura 1. <https://www.nytimes.com/2020/01/14/books/review/hitting-a-straight-lick-with-a-crooked-stick-zora-neale-hurston.html> Courtesy de Barbara Hurston Lewis e Faye Hurston ao New York Times. Mar/2021.

Figura 2. Bairro da Tijuca, Rio de Janeiro, 1968 / Foto: Acervo Lélia Gonzalez - Blogueiras Negras - Publicação CEERT Fev/2017.

Na imagem de Zora Hurston os livros são seus companheiros próximos. Ali estão, ao seu lado e em uma relação de proximidade que muitas vezes não é associada às mulheres negras. Soma-se a isso sua elegância e tranquilidade de quem mesmo ao posar para uma foto, não tem dúvidas de que ali é o seu lugar. O mesmo se pode pensar em relação à Lélia Gonzalez, em uma imagem casual de um cotidiano caseiro em que o ato da escrita e proximidade com os livros é parte de quem se é. É isso que podemos sentir e fazer enquanto antropólogas(os) herdeiros desse legado.

Esse paralelo entre as trajetórias de ausências visa trazer nossa inquietação sobre o seu alcance. Ou seja, não é um fenômeno local, ultrapassa fronteiras. Não se restringe a uma época, perpassa várias. É assim que da morte prematura de Lélia Gonzalez nos anos 90 ou da morte invisível/esquecida de Zora Hurston nos chegamos certos vazios de algo inacabado. Ainda por sentir. Ainda por viver. E é nesse arcabouço de sentires que situamos suas trajetórias de vida como potências criativas que inter cruzam as fronteiras da ciência, da arte e da política. Tanto uma autora quanto a outra rompem com fronteiras estabelecidas pela Ciência. Aqui temos uma pista para a pergunta que nos orienta: Por que a maioria de nós, docentes e discentes, temos somente agora nosso primeiro contato com a potência crítica e criativa de Zora Hurston?

A esse respeito é importante nos determos por uns instantes e trazemos alguns questionamentos: haveria em toda a produção de pesquisadoras (es) negras (os) um espaço insondável quando se fala em fronteiras científicas? Seríamos nós pesquisadoras e pesquisadores negros pessoas que estão nesse interstício? Por que encontramos na arte e na política linhas de fuga para a nossa produção? E, voltando às pesquisadoras supracitadas: haveria no fazer de Lélia Gonzalez e Zora Hurston algum impedimento para que elas fossem reconhecidas como antropólogas em seu sentido estrito? Como afirmamos no início do texto, os caminhos se dão de maneira tortuosa. Através de idas e vindas, rupturas e enlaces.

Podemos observar em Lélia Gonzales a potência de se descobrir negra que veio junto com a tragédia de descobrir a força que o racismo imprime ao campo afetivo, familiar ou vivido. Seu marido, um homem branco argentino, suicidou-se diante da pressão familiar contrária ao casamento interracial. Ela em seu luto fez do sobrenome “Gonzalez” o vínculo efetivo e afetivo que os unia. Da mesma forma, investiu toda sua potencialidade crítica e criativa em descobrir-se negra intelectual e política e, conseqüentemente, entender as tramas estruturais do racismo brasileiro. Escreveu a respeito das questões raciais e trouxe para o pensamento antropológico da época uma crítica à Antropologia no que se refere à polaridade sujeito/objeto.

Suas produções acadêmicas geraram intérpretes do seu pensamento e obra, são eles os intelectuais negros: Alex Ratts (antropólogo e geógrafo), Flávia Rios (socióloga) e Márcia Lima (socióloga). Parece ser uma demanda nossa comprometermo-nos em evidenciar e compartilhar a produção de conhecimento dos nossos. Foi assim que emergiram: “Lélia Gonzalez” (2010), “Lélia Gonzalez- Retratos do Brasil Negro” (2010); “Por um Feminismo Afrolatino-americano” (2020) e “Primavera para as Rosas Negras” (2018), que reúne uma coletânea de textos da autora Lélia Gonzalez editados de forma independente pela “União dos Coletivos Pan-Africanistas (UCPA)”. Essas retomadas de enfrentamento à ausência podem ser lidas na chave interpretativa dos movimentos negros que reafirmam o “Nós por nós”.

No cenário brasileiro, a tradução e divulgação da obra de Zora Hurston também vem seguindo a linha de “Nós por nós” já que coletivos negros que levam o seu nome trazem para si essa tarefa. Podemos mencionar o Coletivo Negro Zora Hurston, fundado em 2017. O qual é composto por estudantes de mestrado e doutorado em Antropologia Social da Universidade de Brasília. O coletivo tem por objetivo estimular e difundir a produção de pesquisadoras e pesquisadores negros na Antropologia. Zora Hurston chega a esse coletivo a partir da falta de referências de antropólogas negras em aulas da Antropologia Canônica. Chega também a partir de intercâmbios realizados entre integrantes do coletivo e a presença de ativistas negras estadunidenses em Brasília.

Até o lançamento do presente dossiê de tradução da Revista Ayê de Antropologia, existe um único texto traduzido para o português que pode ser encontrado no Brasil: “Seus olhos viam Deus” (2002). Sendo esse um romance literário, poderíamos pensar em porquê trabalhos como os de Zora Hurston são divulgados apenas como literatura. Sabemos que aos olhos da Ciência Antropológica a literatura ocupa um lugar menor em sua produção. Vista muitas vezes como uma produção a-científica, subjetiva e imprecisa, à literatura é reservada o lugar de arte. Mas se arte e literatura são reflexos das realidades de uma época e se, essa mesma literatura é feita a partir de observações de uma realidade daquele que escreve, ela pode ser considerada um trabalho passível de escrutínio científico.

O trabalho de Zora Hurston nos traz a possibilidade de pensarmos que a Antropologia pode recorrer à literatura para desenvolver sua pesquisa. Vejamos que, caso Zora Hurston e sua produção fossem levadas a sério, já inauguraríamos a chamada Antropologia pós-moderna em 1937. Voltemos à sua trajetória, uma vez que estamos vagando aos poucos pelos caminhos que nos levam a Zora Hurston. Aluna de Franz Boas, Zora Hurston teve uma trajetória cheia de percalços e exclusão. Responsável por registrar a história de sua comunidade, sua pesquisa não era bem vista nem aqui nem ali. Sendo o aqui entendido como o seu lugar de origem e o ali as suas passagens pelas cidades brancas.

Essa circulação entre dois mundos completamente distintos faz de Zora Hurston uma antropóloga do interstício. Uma pesquisadora da fronteira. “Eu sou meramente um fragmento da Grande Alma que surge dentro das fronteiras.” Peço licença para usar uma metáfora ao falarmos de Zora: uma mulher sem raízes, uma orquídea negra suspensa entre diversos mundos. Sigamos e entendamos o porquê. Nascida na pequena cidade de Eatonville, na Flórida, Zora era a única neta cujo avô não era chefe indígena. Essa brecha no parentesco em que Zora está inserida parece ter significado uma abertura para que a ela circulasse pelo mundo dos brancos. Ela nos conta que quando era pequena pessoas brancas passavam por sua cidade a capturavam e a levavam para dançar em suas casas.

Tudo isso feito a partir de acordos realizados entre seus familiares e as pessoas brancas que a levavam. Essa prática recorrente nos EUA como um todo, era comum às crianças negras que eram usadas como peças de diversão para deleite branco. Zora Hurston vivera ali até seus quatorze anos, quando viu sua vida começar a se transformar. Fora enviada para a escola de Jacksonville, a cidade mais populosa da Flórida, para estudar. Lá ela disse ter sentido uma mudança de percepção de si. Não havia para onde escapar. Era uma mulher de cor:

Alguém sempre estará no meu cotovelo, lembrando-me que sou a neta de escravos. Isso falha em registrar depressão comigo. A escravidão está a sessenta anos no passado. A operação foi bem sucedida e o paciente está bem, obrigada. A terrível luta que me fez uma americana de uma escrava em “Na linha!”; a Reconstrução disse: “Prepare-se!”; e a geração depois disse:

“Vai!”. Estou num voo e não devo interromper o trecho para olhar para trás e lamentar (Hurston, 1928, p.3).

Esse trecho é revelador dos sentimentos de Zora Hurston ante a imposição sobre si da sua condição de mulher de cor. Ela não tem escapatória. A escravidão era fato recente. Sessenta anos. Sessenta anos apenas. A ferida ainda está aberta. Mas os seus não querem olhar para trás. O importante é tocar a vida adiante “estou num voo e não devo interromper o trecho para olhar para trás e lamentar.” É preciso seguir o curso da vida. Caminhar, caminhar, caminhar. Faz-se importante destacar que Zora Hurston nesse trecho antecipa discussões encontradas em Fanon em 1952: a “categoria negro” como categoria de acusação vinda de pessoas brancas que insistem em criar fronteiras, estabelecer controle e nomear a humanidade. “Me sinto como uma pessoa de cor quando sou jogada contra o afiado cenário branco”. (Zora Hurston).

Quando Zora Hurston ia a sua cidade recolher informações, seus interlocutores não a viam com bons olhos. Existia uma certa desconfiança sobre o que seu trabalho representava. O que estaria fazendo Zora Hurston? Ora, Eatonville era uma cidade de pessoas negras e, raramente, pessoas brancas eram vistas por ali. A saída de Zora gerava agastamento entre os seus. Afinal, ela teve uma bolsa de estudos em uma escola branca e nesse período em que passou por lá recebia tratamentos racistas. Quando voltava, trajando roupas diferentes daquelas comuns em sua cidade, já não conseguia reatar laços com aquelas pessoas. Mais uma vez vemos Zora Hurston como uma orquídea negra com raízes suspensas entre dois mundos.

Caminhando para o fim dessa primeira parte, ressaltamos que tanto Zora Hurston quanto Lélia Gonzales “reaparecem” no cenário brasileiro na última década. Década essa marcada pela adoção das ações afirmativas nas universidades públicas. Com isso queremos pontuar que a ausência é combatida com a presença negra nas instituições, bem como pelo fortalecimento dos coletivos negros que “sem nem um passo atrás” tensionam uma agenda de produção de conhecimento que reconheça a contribuição de intelectuais negras (os).

3. Ausência de Zora em nossa trajetória

Esse texto escrito a quatro mãos nos permite compartilhar não só o resultado de uma escrita conjunta de antropólogas negras, mas a própria experiência desse processo como parte de algo que pode contribuir para outras reflexões e escritas, conjuntas ou não, de nossos estudantes. Por essa razão, trago os “sentires” desse processo. Assim, em “Ausência de Zora em nossa trajetória” falaremos, cada

uma, em primeira pessoa elucidando como se deu nosso percurso. Nesta primeira parte do texto, serei eu Vera Rodrigues a falar e na sequência será a vez da Denise da Costa.

Quando, juntamente com a professora Denise da Costa, me engajei nesse texto logo pensei nas autoras negras que não li e o que ocorreu comigo depois de lê-las. Junto a isso veio uma reflexão do porquê dessa ausência, esse não ler. Muitas de nós, mulheres negras, conhecemos a imposição do silêncio em nossas vidas. Não falar no privado: em casa, no âmbito familiar. Não falar em público: no trabalho, na universidade. Nossa voz e, portanto, nossa existência é silenciada na articulação das opressões que nos atingem: racismo e machismo. No entanto, muitas de nós rompemos os silêncios e falamos inspiradas em vozes que ecoam ontem e hoje, sejam elas de nossas mães, avós, tias e outras mulheres que só passamos a conhecer quando “aprendemos a ler”, tal como nos provoca o poema “Não vou mais lavar os pratos” da escritora, atriz e poeta Cristiane Sobral. Assim ela diz:

“Agora que comecei a ler, quero entender
O porquê, por quê? E o porquê”

Quando eu “aprendi a ler” fui impactada pelas vozes de algumas mulheres negras, provavelmente conhecidas de vocês, mas que eu gostaria de ainda assim compartilhar. A primeira voz foi a da escritora Carolina Maria de Jesus. Em uma passagem do livro “Quarto de despejo” ela diz que “não haveria homem que gostasse de uma mulher que lê, que tem amor pelos livros.” Eu não esqueci essa frase e muitos anos depois, quando ouvi de um homem em tom de estranhamento e reprovação que eu era “muito reflexiva”, eu ouvi a voz de Carolina: não te disse! Então, passado o silêncio que me constrangeu consegui dizer: mas, eu gosto de ser assim!

Outra voz foi a de Neusa Santos, escritora e psicanalista, em “Tornar-se Negro”. Era o momento em que eu estava me tornando negra. Aprendendo o que isso me fazia sentir no coração, na mente. Ou simplesmente como pensar, expressar aquilo que é vivido, sentido. Foi aí que eu comecei a pensar que a teoria não é descolada da realidade, do vivido. É uma teoria vivida como tratado pela antropóloga Mariza Peirano, mas em outra perspectiva. Depois, foi a voz de “Marli Coragem”, uma mulher negra, empregada doméstica que em plena ditadura militar enfrentou as forças constituídas “legalmente” para levar à justiça os assassinos do seu irmão. Isso foi manchete na mídia dos anos 80. Daquela época guardo a imagem daquela mulher negra entrando altiva em um quartel e olhando nos olhos de quem ela acusava. Foi algo que, somado à leitura da antropóloga Lélia Gonzalez, em “Lugar de Negro”, me impactou.

O texto de Gonzalez, publicado também nos anos 80, analisava o impacto da repressão política combinada com a política econômica no período da ditadura militar sobre a população

negra. Em época mais recente, a vereadora e socióloga Marielle Franco também analisa o cenário brasileiro e sua frágil democracia, por meio do texto: “A emergência da vida para superar o anestesiamiento social frente à retirada de direitos: o momento pós-golpe pelo olhar de uma feminista, negra e favelada”. Eu insiro cada uma dessas vozes femininas e negras de forma intercruzada como numa encruzilhada: o afeto, a teoria e a política. E por que isso é importante? - podemos nos perguntar. Será por que “Nossos passos vêm de longe”? ou “Quem sabe de onde veio, sabe para onde vai”? ou ainda por que “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”, como nos diz Ângela Davis filósofa e ativista afro-americana. Obviamente, estou situando essa minha fala na perspectiva das lutas das mulheres negras, porque é isso: esse é o ‘lugar de fala’ como nos provoca a pensar a filósofa Djamila Ribeiro. É também uma “escrevivência” inspirada na escritora Conceição Evaristo. Convido vocês a pensar sobre isso.

As vozes dessas mulheres negras se somam a outras e outras. Apenas para ficar com algumas que têm me inspirado e motivado nos últimos tempos, cito a abolicionista afro-americana Sojourner Truth (1797-1883), e sua inquietante pergunta: E não sou uma mulher!? Também me alinho com a filósofa e ativista Sueli Carneiro, que ano passado já nos alertava: “Organizem-se, porque não há mais limite para a violência racista”. E essa organização tem um tempo. Um tempo que Conceição Evaristo diz que é um “Tempo de nos aquilombar”. E o faremos na encruzilhada das razões afetivas, teóricas e políticas. Lembrando que:

É tempo de ninguém se soltar de ninguém, mas
olhar fundo na palma aberta
a alma de quem lhe oferece o gesto.
O laçar de mãos não pode ser algema
e sim acertada tática, necessário esquema

Essas razões, citadas anteriormente, são afetivas porque o **afeto** por nós e entre nós é fortalecedor. É o primeiro passo de promoção de encontros verdadeiros. Penso que de pouco adianta se dizer decolonial, progressista, antirracista ou o que for se não houver demonstrações disso na concretude do vivido. É aí que nossas alianças passam por quem olhamos nos olhos, estendemos as mãos ou vemos de forma prioritária em nossas vidas.

Se aprendemos a nos silenciar, como bem pontuou a professora Vera Rodrigues, agora é a minha vez de falar. Foi através do podcast “Conversas da Kata”, do qual o coletivo Zora Hurston da

Universidade de Brasília participou, que soube que Zora Hurston fora enterrada como indigente em sua própria comunidade. Enterrada como indigente. Como isso dói quando chega aos meus ouvidos, atravessa minha mente e me acompanha nos dias que correm enquanto pesquiso sobre sua vida e obra. Como não pensar no lugar da morte assim como da vida quando lidamos com as histórias de nossas intelectuais negras. Para realizar uma conexão, menciono a morte de Virgínia Bicudo que desenvolveu vários adocimentos enquanto ficava sozinha em seu apartamento.

Como antropóloga negra que sou me envergonha estudar os trabalhos de Zora Hurston somente agora que já passei pela formalidade da aquisição dos títulos. Somos orquídeas negras suspensas sem criar raiz em território alheio. Estamos aqui nesse espaço tempo diaspórico como se estivéssemos perdidas à procura de nossas raízes. Mas, e por isso mesmo, nossas raízes foram e serão cortadas. Insistentemente. Me lembro bem quando estava cursando disciplinas de Antropologia Social na Universidade Federal de Minas Gerais. Aquelas páginas por onde eu percorria os olhos me feriam e ferem. Era difícil me reerguer diante de tanto distrato posto em palavras. Eu via que aquele espaço não era para mim. Mas então, por que eu o queria tanto?

Quando falo de Zora Hurston e sua ausência em minha trajetória eu penso nas mortes com as quais a própria Antropologia contribuiu e compactuou. E penso inevitavelmente na falta que autoras como ela nos faz. O pacto colonial segue em curso e podemos pensar que o projeto eugenista também segue seu caminho. Como nos diz Aimé Cesaire em seu manifesto clássico “Sobre o colonialismo”, as pessoas brancas se compadecem e mobilizam muito pelas questões que lhes são próprias enquanto não apresentam a mesma empatia com as questões africanas. Não ter Zora Hurston em nossas disciplinas é compactuar com a morte a que ela foi submetida. Uma morte negra.

Por outro lado, e também por isso, somos plantas que flutuam apesar de. Como não pensar nas sementes carregadas nos cabelos de nossas antepassadas para serem espalhadas pelos territórios alheios. Carregamos em nossas cabeças o fruto de uma contracolônização, que também sempre ocorreu. Sabemos que as massas negras lutaram fortemente contra o invasor branco. Sempre houve e sempre haverá insurgência. A ausência que Zora Hurston nos faz nos inspira a lançarmos nossas raízes onde consigamos nos fixar nem que seja por um instante. Todo esse afro-pessimismo poderá ser encarado com olhares de rejeição. Ora, não é fácil dirigir o espelho para si próprio.

4. Zora entre nós

Qual história da Antropologia nossos cursos contariam se fossem refletidos a partir de contribuições insurgentes de pensadoras e pensadores negras (os)? Seriam algumas das contribuições da chamada Antropologia pós-moderna realmente algo original e nunca escrito antes? Haveria mesmo

essa originalidade defendida pelos antropólogos que detêm o poder de narrar essa história? Para nós, pesquisadoras negras antropólogas, mais do que incluir autoras e autores negros em nossas ementas, faz-se imprescindível realizar um descentramento do pensamento branco-cêntrico no fazer antropológico. Ou seja, temos que reescrever a Antropologia tal como ela está posta. Incluir em nossas reflexões relações de poder que o escrever sobre o outro imprime sobre os papéis que lemos e nos contaminar pelas formas pungentes que essas pensadoras trazem para nossas reflexões.

Já em 1928, no texto de Zora Hurston “Como eu me sinto sendo uma mulher de cor”, a autora coloca seus sentimentos no centro de sua reflexão. Difícil não conectar essa centralidade da percepção com o trabalho da historiadora Beatriz Nascimento em quando esta afirma “Sou preta, sinto e penso assim.” Sentir é considerado uma forma de produzir ciência visto que estamos tratando de um corpo que, na relação, é racializado. Assim, o texto viaja no tempo e no espaço a fim de encontrar uma outra mulher negra que, a despeito do que se firmou sobre os povos negros, pensam e sentem. Importante destacar o pioneirismo de Zora Hurston quando ela afirma que se sente uma mulher de cor uma vez que sai de sua comunidade negra e vai estudar entre os brancos. Aqui a raça negra é entendida como uma relação em que o ser branco define quem é o eu negro. Lembremos que Franz Fanon teoriza exatamente sobre esse aspecto em sua tese que é publicada vinte anos depois.

Pensemos na potência que a reescrita dessa antropologia pode trazer, especialmente, para antropólogas(os) negras(os) em seu processo formativo. Há perspectiva de resistências e reexistências em uma ótica coletiva. Foi por apostar nisso que recentemente foi criado o comitê de antropólogas(os) negras(os) da Associação Brasileira de Antropologia. E desse comitê veio também a iniciativa de criação do prêmio Lélia Gonzalez, o qual visa premiar com reconhecimento e visibilidade os melhores artigos, dissertações e teses das nossas graduandas(os) e pós-graduandas(os). E foi seguindo nesse caminho que também foi tortuoso, mas que segue exitoso que chegamos à 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, cujo tema “Saberes Insubmissos: diferenças e direitos” nos toca tanto. Exemplo disso vem das falas da professora Luciana de Oliveira Dias - Universidade Federal de Goiás/Coordenadora do Comitê de Antropólogas(os) Negras(os) da ABA - e do professor Kabengele Munanga - Universidade de São Paulo. E nos toca porque sabemos o quanto nossa escrita pode conter de insubmissão e potência, reflexo das trajetórias vividas dentro e fora da academia.

Na escrita que trazemos agora, procuramos expor uma trajetória de vida atravessada por silêncios impostos, mas também por potência criativa e crítica. Assim Zora Hurston está entre aquelas intelectuais que são a base da mudança que queremos em nós e/ou na universidade da qual fazemos parte. Somos nós por nós na busca de uma linguagem que nos represente. Esperamos ter conseguido. Digo esperamos porque recentemente ao ler e reler o texto “Erguer a voz” em “Pensar como

feminista, pensar como negra”, de bell hooks, entendi que “esse ato da fala, de erguer a voz, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta”. Nos libertemos!

Referências bibliográficas

FIGUEIREDO, Angela; GROSGOUEL, Ramon. **Por que não Guerreiro Ramos? os desafios das universidades públicas brasileiras.** Disponível em:

<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v59n2/a16v59n2.pdf>

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista de Ciências Sociais hoje**, Anpocs, 1984.

HURSTON, Zora. “How does it feel to be colored”. **The World Tomorrow** (O mundo amanhã), Maio 1928.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo.** São Paulo: editora Edibolso, 1976.

SANTOS, Neusa. **Tornar-se negro: vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro : Edições Graal, 1983.

WALKER, Alice. À procura de Zora Neale Hurston. **Ms Magazine**, Março de 1975.

Texto de apresentação

Texto de apresentação

Coletivo Zora Hurston/ Universidade de Brasília - 10/09/2020



Retrato de Zora Neale Hurston, Eatonville, com data de 1935. Fotografia de Alan Lomax/American Folklore Center. George Smathers Library. Disponível em: <https://ufdc.ufl.edu/A400008778/00025>
Acesso em 14/03/2021

Como podem eles negar a si mesmos o prazer da minha companhia! (HURSTON, *How it feels to be colored me*). Essa é uma provocação que Zora Neale Hurston coloca em um de seus ensaios, quando traz seus sentimentos em relação à discriminação vivida, e que demonstra a percepção de uma mulher que sabe da qualidade e importância de seus achados, muitos deles inscritos em seu corpo, e que, ao mesmo tempo, parece dizer: “perde quem não deseja conhecer”. Aqui a indagação cabe como um convite para aproveitarmos suas criações e, nesse sentido, ter suas traduções disponíveis nos permite apreciar suas ideias e produção. Com ela, podemos pensar no “mundo para ser ganho e nada para ser perdido” (Hurston, *How it feels to be colored me*).

Os escritos de Zora nos permitem acessar e relacionar contextos como a Renascença do Harlem em Nova York, onde também estudou, com a influência dos EUA na América Central no começo do século XX na ocupação do Haiti de 1915 a 1934. A canalização do fluxo de muitas de suas narrativas nas memórias (que não são somente dela) de Eatonville e nos modos pelos quais gostava de circular pelo Harlem, imprime ao estilo de Zora tanto a experiência única de corpos negros em diferentes partes dos Estados Unidos, quanto a busca constante pelos elementos de uma expressividade negra libertadora.

Pensar na condição do negro dentro e fora dos Estados Unidos a partir de autoras e autores negros não parecia ser do feitio da antropologia acadêmica de sua época. Profusões de temas para os

quais esta academia pouco espaço tinha, e atualmente ainda reserva pequena medida. Considerar a invisibilidade de Zora como um “dar as costas” para questões tocantes à condição da população negra conecta os cem anos que nos separam da década de 1920 e torna mais urgente a necessidade da tradução de mais textos de autoria negra para a antropologia brasileira.

Zora foi uma escritora de mão cheia, que expressou seu talento em diferentes formatos: cartas, ensaios, romances, etnografias, contos, poesias, teatro, receitas recolhidas de seus conhecimentos advindos de sua origem e através do contato com diferentes povos, e em muitos de seus textos deixa transparecer sua veia poética. A antropologia, que se consolidou no início do século XX, deixou pra trás verdadeiras riquezas, como podemos ver com o caso de Zora, provavelmente devido ao que a professora Cida Bento chama de pacto narcísico da branquitude, pouco discutido ainda, e tão polêmico para as pessoas brancas. Resgatar as obras e a história de Zora é, também, reconstruir parte das histórias das pessoas negras, sejam dos Estados Unidos, seja de outros países da América, pelos quais ela passou e entre os quais seus escritos ressoam.

Ler Zora Hurston nos permite recuperar uma parte da história que foi ocultada devido a muitos fatores e, podemos destacar um deles: o desinteresse, por parte do mercado editorial, pela publicação de obras sobre as pessoas negras, que possuem outras narrativas que não apenas aquelas relativas aos conflitos raciais, ou ainda, relacionadas à alteridade branca. Em seu ensaio “O que os editores brancos não publicarão” (HURSTON; BASQUES, 2019), Hurston deixa explícito seu incômodo com a falta de disposição, por parte dos editores brancos, para tornar público, livros em que os negros não aparecem em suas formas estereotipadas do senso comum, mas podendo ser apresentados em sua diversidade, para fora das categorias de pobreza, violência, mas em seus afetos e romances, suas produções artísticas, dotados de beleza, riqueza e ciência. Seu ensaio é de 1950, mas suas inquietações permanecem atuais, haja vista o incômodo provocado pelo lançamento de “*Black is King*”, de Beyoncé, este ano.

Muitas memórias internas oriundas de toda materialidade de Zora Neale Hurston infelizmente desencarnaram com seu corpo, entretanto, por muita ventura e efeitos de suas atividades em vida ainda podemos tocar algumas de suas lembranças e ideias através da leitura de suas palavras. É com muito encantamento que apresentamos este relicário em forma de publicação que traz fragmentos de existência e obra de Hurston que até agora estavam inacessíveis ao público leitor exclusivamente de português.

Assim como um conjunto de indicações para confeccionar pratos deliciosos chegam por intermédio de páginas tão afetivas e gentilmente traduzidas, iguarias tão particulares e ao mesmo tempo demasiadamente familiares para as espectadoras e espectadores das composições de autoras como

Alice Walker. Experimentar Hurston é conhecer e reconhecer sua importância para uma série de autoras e autores negros que foram nutridos por seus pensamentos.

Das relíquias e preciosidades que chegam a nós por meio da Edição Especial – FIRE !!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston, da Revista Ayé, dedicada às traduções de passagens de Zora N. Huston pelo mundo das letras, é possível tangenciar diversos aspectos de seu trabalho e sua jornada. Ler receitas, cartas e artigos de Zora é encontrar alívio para uma fome de referências, além de curativos para um bocado de ferimentos e padeceres de memória. A importância destas traduções, feitas de forma tão cuidadosa, é inestimável. Pra nós, reaver Zora é mais que uma oportunidade para se fascinar com sua palpabilidade, é também uma chance de se ver e se reconhecer enquanto construtores e construtoras de conhecimento! É desfazer o esquecimento e RECanonizar o que foi omitido!

Referências bibliográficas

Hurston, Zora. O que os editores brancos não publicarão (Tradução) / Zora Hurston e as luzes negras das Ciências Sociais (Texto de apresentação - Messias Basques). Em: **Ayé: Revista de Antropologia**. v. 1 n. 1 (2019).

Texto de apresentação

Da cor da pele negra nascem deuses:

Zora Neale Hurston¹⁷

Rosângela Trajano

Escritora

Zora Neale Hurston nasceu em 1901 e morreu em 1960. Foi uma criança irrequieta que costumava sentar-se à varanda da sua casa em Eantoville, no sul da Flórida, para cumprimentar os turistas que iam e vinham. Todos gostavam daquela menina sorridente. Sua cidade era formada por negros e eles existiam em toda parte: centro de postagem de cartas, prefeitura, escolas e igrejas. Talvez a coisa mais linda depois de Zora naquela cidade era ver o povo feliz caminhando pelas casinhas humildes de cores verde, amarela, rosa e etc.. Eles caminhavam sem a sombra da opressão da branquitude, pois tudo em Eantoville era tomado por negros afro-americanos.

¹⁷ Texto escrito por Rosângela Trajano, filósofa e escritora (7rosangelatrajano7@gmail.com). O mesmo foi escrito considerando a sua recepção por parte de uma audiência de jovens pré-adolescentes, especialmente meninas, para que possam ter acesso a referências biográficas iniciais de Zora N. Hurston e que, com isso, possam despertar o interesse pela leitura da sua obra.

A nossa Zora dedicou-se ao estudo das tradições e costumes do seu povo, logo tornando-se uma folclorista. Também escreveu alguns romances, dentre eles destaco o belíssimo “Seus olhos viam Deus” em que Janie, personagem principal do romance, é a voz de Zora sempre mostrando-se forte, determinada, corajosa e pronta para enfrentar as dificuldades impostas aos negros naqueles anos difíceis. Quando se tornou maiorzinha, Zora foi estudar Antropologia na Universidade Colúmbia, onde teve como professor o maravilhoso antropólogo Franz Boas, por quem tinha grande respeito e admiração. A antropologia estuda a diversidade cultural humana, logo Zora encontrou nesta ciência uma forma de dar voz ao seu povo estudando as suas histórias, crenças e costumes.

Contrariamente ao que poderíamos imaginar, não viveu rodeada de pessoas, e em vida foi conhecida, mas nunca famosa. Na sua pele negra havia um grito pela preservação da memória dos afro-americanos que ela abraçou com fulgor e foi atrás de estudá-la, às vezes precisando passar por empregada doméstica para aprender mais coisas aos seus estudos. Zora era dessas mulheres que carregam na alma uma vontade enorme de gritar por um mundo melhor a mulheres e homens negros, e falava em um dos seus escritos sobre o que chamou de “negros de estimação”, ou seja, aqueles que os brancos admiravam e ajudavam para depois explorarem como bem quisessem. Sempre preocupada com o folclore do seu povo, Zora recebeu apoio privado de uma senhora que patrocinava os artistas locais para poder fazer a sua pesquisa. Seu professor Franz Boas não a via como uma verdadeira pesquisadora, mas isso não influenciou nos seus estudos. Sempre decidida e corajosa, alterou a sua forma de conversar com o povo quando queria estudá-lo e passou a contar histórias e a cantar em salões músicas que faziam as pessoas relembrarem os seus costumes e rituais.

Sempre entusiasmada com o folclore do seu povo, Zora escreveu sobre receitas caseiras de remédios para curar doenças como dor de barriga, cegueira, sífilis e etc., também nos deixou muitas receitas de comidas típicas que se aproximam da nossa culinária nordestina brasileira. Vestiu-se como personagem infantil chamada Isie Watts, que tirava a paciência da avó com as suas peraltices. Uma passagem engraçada da menina Isie é quando ela se enrola na toalha de mesa vermelha da avó e vai dançar no meio do carnaval. A avó fica brava por demais com ela. Zora sabia como ninguém falar do seu povo, e nos deixou romances incríveis que nos exortam a adotar o feminismo, a combater o racismo e à coragem de “ser pedra em mar de brancos”, como ela mesma dizia.

Depois do seu divórcio, passou a morar com o seu cachorro numa casa simples com um jardim cheio de flores do qual ela gostava de cuidar e, segundo um dos seus tios, sempre foi uma faminta e comia bastante. Sempre que faltava comida em casa ela mandava-o chamar para que fossem juntos à feira. Abraçando a sua negritude, Zora tornava fértil a convivência com os amigos e professores universitários. A sua independência em relação a família, a sua liberdade pessoal e o seu

autoconhecimento fizeram dela uma negra diferente para aquela época, pois as suas ideias não convinham aquele tipo de jovem que era preparada para cuidar da casa e da família. Afinal, as negras não eram criadas para se tornarem escritoras.

Numa de suas pesquisas antropológicas, Zora percebeu que havia racismo entre os negros, e ficou desgostosa. A falta de amor e respeito entre o seu povo da mesma cor de pele chamou a sua atenção, afinal para ela todos deviam ser tratados por igual. Zora foi pouco lida em vida, adoeceu de um derrame cerebral e morreu logo depois com complicações do mesmo num cemitério chamado “Jardim Celestial”. Seu jazigo abandonado e coberto de mato não tinha sequer uma placa indicando seu nome. Foi Alice Walker quem redescobriu Zora em 1975 e a tirou do esquecimento do público e dos críticos. Mandando fazer para ela uma placa do melhor mármore para colocar no seu jazigo.

Apesar de ser negra, Zora não pregava isso como algo lamentável. Não vivia pelos cantos chorando a sua negritude. Seguindo o desafio de ser uma mulher independente, enfrentou todos os obstáculos para tornar-se uma escritora e pesquisadora reconhecida. Ser negro dói bastante nas ideias que os brancos plantam dentro da gente, mas Zora fazia dessas ideias degraus onde pudesse pisar firme para tornar-se uma mulher de pensar libertador em todas as esferas políticas, culturais e sociais. A sua luta sempre foi pelo reconhecimento dos negros afro-americanos.

Como tudo é difícil para uma jovem, especialmente para as jovens negras nascidas em territórios rurais, com a nossa querida Zora Hurston não foi diferente. A sua autobiografia e romances descrevem a sua força de vontade de construir para si e para os afro-americanos uma liberdade que fosse exemplo para o mundo. Zora nunca desistiu de sonhar, nem mesmo quando ficou sozinha com as suas flores. Nem mesmo quando o seu admirável professor Franz Boas escreveu um pequeno prefácio para a sua obra, porque ela já se sentia imensamente grande por dentro.



Retrato de Zora N. Hurston em automóvel, olhando para frente. Fonte: Arquivo aberto do Zora Hurston Papers. University of Florida Smathers Libraries - Special and Area Studies Collections. Disponível em: <https://web.uflib.ufl.edu/spec/manuscript/hurston/hurston.htm>. Acesso em 14/03/2021